

Versões impressas no papel e na memória: Abrigo de Menores, novembro de 1956 - Versões impressas no papel e na memória Abrigo de Menores novembro de 1956 Eduardo S N Nunes.

Nunes, Eduardo Silveira Netto.

Cita:

Nunes, Eduardo Silveira Netto (2021). *Versões impressas no papel e na memória: Abrigo de Menores, novembro de 1956 - Versões impressas no papel e na memória Abrigo de Menores novembro de 1956* Eduardo S N Nunes. *REVISTA BRASILEIRA DE HISTÓRIA & CIÊNCIAS SOCIAIS*, 13 (27), 188-220.

Dirección estable: <https://www.aacademica.org/edunettonunes/20/1.pdf>

ARK: <https://n2t.net/ark:/13683/pOQa/X2Y/1.pdf>



Esta obra está bajo una licencia de Creative Commons.
Para ver una copia de esta licencia, visite
<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/deed.es>.

Acta Académica es un proyecto académico sin fines de lucro enmarcado en la iniciativa de acceso abierto. Acta Académica fue creado para facilitar a investigadores de todo el mundo el compartir su producción académica. Para crear un perfil gratuitamente o acceder a otros trabajos visite: <https://www.aacademica.org>.

Versões impressas no papel e na memória: Abrigo de Menores, novembro de 1956

Versiones grabadas el papel y en la memória: Abrigo de Menores, Noviembre, 1956

Eduardo Silveira Netto Nunes*

Resumo: A partir de uma denúncia do jornal “*A Verdade*”, de Florianópolis, em de novembro de 1956, sobre o Abrigo de Menores do Estado de Santa Catarina, encontrada no arquivo dos Irmãos Maristas, administradores do Abrigo na época, desenvolvemos uma narrativa que apresenta o transcurso do processo de pesquisa envolvendo o tema da denúncia, e como diferentes versões a respeito do episódio foram sendo constituídas em processo de disputa, às vezes silencioso, sobre qual teria maior legitimidade enquanto expressão de uma memória que falasse pelos Abridados a respeito do ocorrido. Nessa disputa analisamos os Jornais da cidade, os Maristas, e como se desenvolveu um diálogo cruzado permitindo-se perceber como a imprensa e os sujeitos sociais “interagem” no processo social dinâmico. E, através de entrevistas com ex-Abridados contemporâneos ao evento, e que participaram do mesmo, pois “fugiram” do Abrigo e foram até a redação do Jornal cobrar retratação, identificamos que, na trama histórica, a as crianças, se fazem sujeitos ativos dos processos sociais.

Palavras-chave: Infância. Memória. Abrigo de Menores.

Abstract: Desde una denuncia del periódico *A Verdade*, de Florianópolis, Brasil, en noviembre de 1956, hablando del Abrigo Menores do Estado de Santa Catarina, encontrada en el archivo de los Hermanos Maristas administradores del Abrigo, desarrollamos una narrativa que presenta el proceso de investigación de la temática de la denuncia y cómo diferentes versiones del ocurrido fueron construidas en el proceso de disputa con respecto a cual de las memorias presentadas de los hechos hablaban con mayor legitimidad de la

* Doutor em História Social pela Universidade de São Paulo, Mestre em História na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Bacharel em História (USP), Licenciado em História e Formando de Pedagogia. É bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais pela Universidade de Passo Fundo (UPF). Atualmente é Professor Adjunto (dedicação exclusiva) na Universidade Federal do Acre (UFAC).

perspectiva de los niños Abridados. En esa disputa hicimos el análisis de periódicos de la ciudad, de los Maristas y de cómo se desarrollo un diálogo entre ellos, quedando claro como la prensa e los sujetos sociales tienen relaciones de modo dinámico en la construcción de la realidad. Además, por medio de testimonio de antiguos Abridados, que vivieron los hechos, pues “evadieron” del Abrigo y fueron hasta la redacción del periódico *A Verdade*, exigir retratación, percibimos una trama histórica, quedando claro la acción de los niños como sujetos activos del proceso social.

Palabras-clave: Niños. Memoria. Internación.

...CARRASCOS! Roubalheiras e fome no ABRIGO DE MENORES Meninos acorrentados em celas imundas, acabam tuberculosos!

De repente, essa manchete de jornal apareceu à minha vista quando realizava a busca por fontes que trouxessem: registros das relações institucionais envolvendo Abrigo de Menores do Estado de Santa Catarina em Florianópolis, destinado, entre décadas de 1940 e 1980, à internação de crianças e adolescentes consideradas em “estado de abandono”; e, indícios de como foram constituídas as experiências das crianças e adolescentes internadas na instituição.

Partindo do levantamento das fontes, e por influência da bibliografia produzida a respeito de instituições para as quais eram encaminhadas crianças e adolescentes identificadas ou como “abandonadas”, ou como “delinquentes” (LEITE, 1998) (SILVA, 1997) (AREND, 2011) (MIRANDA, 2014), a manchete-denúncia do jornal “*A Verdade*”, do dia 14 de novembro de 1956, parecia confirmar que o Abrigo de Florianópolis seguia uma “tendência” relativa às imagens produzidas sobre certas instituições similares no Brasil, que eram caracterizadas por oferecerem condições indignas aos seus internos, e imorais quanto às suas administrações.

Preliminarmente, o que me chamou a atenção foi o tom de denúncia utilizado no texto da notícia; a sua extensão, que ocupou a primeira página, a capa, e a contracapa; e, as fotos que acompanhavam a reportagem, no número de nove, sobretudo as legendas que acompanhavam-nas.

As denúncias tratavam da má qualidade da alimentação servida aos internos; da colocação de alguns deles em uma “*cela imunda*”; da má conduta administrativa da obra. Vejamos o que se disse:

Ao entrarmos no refeitório, tive a impressão de que estava num manicômio. Todo mundo gritava ao mesmo tempo. Era um tal de garotos avançarem em cima das barricas que continham as lavagens, que não tinha jeito. Sim meus amigos, uma barrica cheia de lavagem, isto é, feijão bichado com muita água e outra com arroz de terceira qualidade. Pão, que é e sempre foi o alimento recomendado por Deus, não existe no ABRIGO... Leite também não existe.

[...] (em) duas enormes barricadas é transportado o “almoço” para os meninos. Uma contendo arroz de péssima qualidade, outra com feijão bichado, mais parecendo lavagem para porcos! O mau cheiro das barricadas, já faz qualquer cristão “vomitar as tripas”!

O garôto...vomitava, por não poder suportar, tôda bagulhada da lavagem.

[...] Arrastando-se com os pés acorrentados, agarrando-se às grades da cela imunda em que foi jogado pela desumanidade e insensatez dos dirigentes do Abrigo, o menor... Onde estamos, senhores? Por acaso o Abrigo de Menores se transformou-se em ILHA DO DIABO?!?

[...] Enquanto isto, os dirigentes gastam mensalmente quase 4 mil cruzeiros com vinho. E ainda possuem fabricação própria de cerveja, no próprio estabelecimento. (A Verdade, 14/11/1956, p.01)

No primeiro contato que eu tive o referido jornal, uma outra situação instigou-me demais, e parecia exigir-me uma atenção especial daquele momento em diante. Ela dizia respeito ao local onde eu acessei a fonte, e o significado que isso poderia ter.

O meu contato com a fonte aconteceu quando do levantamento da documentação arquivada no Lar Provincial da Congregação Marista de Santa Catarina, oficialmente chamada de União Catarinense de Educação, sobre o Abrigo de Menores, que mais tarde viera a chamar-se Educandário 25 de Novembro (ESTADO DE SANTA CATARINA, 1969). Isso porque os Maristas administraram diretamente o Abrigo desde o seu início de funcionamento em 1940, até o início de 1973, momento no qual deixaram de atuar na instituição.

No Lar, os Maristas tinham arquivados, numa caixa intitulada “*Abrigo de Menores - Educandário 25 de Novembro*”, diversos documentos descontínuos e sem sequência temporal ou temática, tais como “Cartas da Direção do Abrigo ao Governador e ao Juiz de Menores de Florianópolis, Termos de Convênio entre Irmãos Maristas e Governo do Estado de Santa

Catarina, Boletins da União Catarinense de Educação, fotografias, Jornais” diversos, etc., sob os quais me pus a ler. Fiz um inventário do que continha na caixa, só depois dirigi minha atenção aos “jornais”.

Separando-os, comecei a leitura por aqueles que tinham sido editados mais recentemente, e de forma cronológica e retrospectiva, fui acessando aqueles que o passar do tempo da edição era mais distante. Assim, um dos últimos jornais que vi foi o “*A verdade de 14/11/1956*”. Tendo-o em mãos, tal foi a minha surpresa e ao mesmo instante aflição por estar com um jornal que trazia, pelo menos para mim, uma denúncia, permitam-me o termo, bombástica! E o pior, eu estava enxergando-a numa sala de reuniões localizada na própria estrutura física do Lar Provincial dos Maristas, e que a todo momento um Irmão ou outro passava por ela, ou vinha conversar comigo.

Feitas algumas anotações da referência do “jornal”, com uma tensão cardíaca elevada, pois achava estar fazendo algo que não seria autorizado pelos Maristas, guardei o mesmo na caixa, tentando aparentar que ele não tivesse sido tocado, para que quando fosse desenvolver a pesquisa mais profundamente, ao retornar à “*Caixa*” o “jornal” ainda estivesse lá. Ingenuidade? Não sei. Optei pela precaução: anotei!¹

Já na saída do Lar, pus-me a pensar qual a razão que teria levado os Maristas a guardarem, junto de uma escassa documentação, produto residual da passagem pela administração do Abrigo num período de mais de 30 anos (1940-1973)², o referido exemplar do periódico?

O jornal teria sido guardado involuntariamente, até mesmo por engano, visto que continha uma, aparentemente, “grave denúncia” contra os Maristas? Refutei essa idéia de pronto, pois um engano ser repetido por mais de 40 anos, em um contexto em que a seletividade daquilo que se guardava era manifesto, não poderia ter lugar.

Os Maristas seriam destemidos na preservação dos registros da sua trajetória afrente da administração direta do Abrigo, não escondendo do público

¹ Quando eu retornei a este arquivo meses depois, os ditos jornais continuavam lá, acrescido de algumas edições, e para surpresa, eles tinham sido recortados e delicadamente, sem perder nenhuma parte das notícias, colados para melhor manuseio e conservação. Antes de quererem esconder o jornal, houve uma preocupação em guardá-los, reforçando a minha dúvida sobre a razão disso.

² Isso sugere que boa parte da documentação, que em algum momento esteve nas mãos dos Irmãos Maristas, hoje não mais existe.

até mesmo informações que poderiam “macular” a sua imagem de uma congregação proba e digna? Sugestão uma pouco demasiada e forçada. Não poderia ser isso! Mas o que então justificaria o arquivamento de tal “jornal” junto aos Maristas?

Uma terceira reflexão pareceu-me a mais plausível. E, embora ela não me oferecesse resposta alguma, ajudava a ir tecendo uma problemática em torno da fonte, e vinculava-se ao seguinte.

Antes de acessar a documentação depositada no Lar, eu já havia conversado com o Irmão Provincial³, espécie de “chefe” dos Maristas em Santa Catarina, e com alguns internos. Desses contatos tinha ficado a impressão de que os Maristas administraram o Abrigo de maneira eficiente, propagando uma autoimagem de uma “missão” cumprida sem nada a ter a opor que não pudesse ser justificado, tal como a rigidez disciplinar, o que não abrangeria violências físicas, “típica da época”. E isso era reforçado em função de uma homenagem recebida pelo Irmão Victor Barbosa Vieira na Assembléia Legislativa do Estado, dia 24 de agosto de 2001 (ESTADO DE SANTA CATARINA, 2001).

Parecia-me, também pela conversa tida com algumas pessoas nas próprias ruas de Florianópolis, que o Abrigo, e os Irmãos pelo período que o conduziram, recebiam uma estima muito grande da comunidade.

Assim, o “jornal” guardado poderia ser uma espécie de manifestação de autoconfiança a respeito da imagem atribuída a si, Maristas, pela sociedade catarinense, não tendo porque esconder algo que poderia ser falso: denúncia do jornal.

Agora, se era falsa porque eles insistiam em guardá-la por tanto tempo?

Bom, essa pergunta acompanhou-me durante um bom tempo.

De qualquer maneira, esse achado fez-me rever quais as fontes impressas iriam dar prioridade na pesquisa, acrescentando como fundamental dali em diante o jornal “*A Verdade*”.

Minha intenção na pesquisa inicial não era dar profunda atenção à imprensa, muito menos pensava em ler o jornal “*A Verdade*”, tinha como

³ Diálogo estabelecido entre mim e o Irmão Pedro João Wolter, em Florianópolis, 17 de outubro de 2002.

pretensão ler “A Gazeta” e “O Estado”. Encerrei essa fase de coleta de fontes e fiquei com essa questão no ar.

Retornando à pesquisa de campo no arquivo do Juizado da Infância, no Arquivo Público do Estado, na Biblioteca Pública, no Centro Educacional Dom Jayme de Barros Câmara, no Lar Provincial Marista, acabei realizando algumas entrevistas com ex-Abrigados, entre outras questões, esse episódio do Jornal “A Verdade”. Em tais arquivos encontrei “rastros” que me ajudavam a elucidar ou a problematizar melhor o assunto do “jornal”, tendo uma única frustração, a de não ter conseguido acessar os “jornais”.

No Juizado da Infância, entre uma relativa organização dos processos judiciais afetos a ele, encontrei blocos de documentação espalhados pelo “arquivo”, uma espécie de porão, que também servia de depósito dos produtos apreendidos pelo Juizado, quinquilharias e bugigangas de toda a ordem. Nesses blocos, alguns úmidos, tomado por bolor, outros em bom estado de conservação, havia uma documentação considerável da comunicação entre, à época, o Juiz de Menores e a Direção do Abrigo de Menores. Especificamente, na encadernação de documentos do ano de 1956, li a seguinte “Carta do Diretor do Abrigo” dirigida ao “Juiz de Menores”:

Florianópolis, 17 de novembro de 1956.

Sr. Juiz.

Pelo presente levo ao conhecimento de V. Excia. que ontem à noite um grupo de rapazes internados no Abrigo de Menores, contrariando regulamento e determinações de seu Irmão Prefeito, evadiu-se do Abrigo, dirigindo-se à redação do Jornal ‘A Verdade’.

Cometeram essa grande imprudência talvez revoltados pelas graves injúrias e vergonhosas calúnias que aquele órgão publicou.

Como não pude concordar com a atitude tomada espontaneamente pelos menores, tomei imediatamente providências, enviamos o vigia ao encalço deles, para fazê-los retornar de meio caminho. No mesmo instante telefonei ao quartel da Polícia pedindo que fossem os menores atacados à altura daquele quartel e reconduzidos ao Abrigo.

Avisado o Sr. Delegado de Polícia este me telefonou pedindo um caminhão para reconduzir o grupo de mais de 30 rapazes no que foi atendido.

Ao voltarem os rapazes, foram por mim repreendidos pela atitude tomada e manifestei-lhes asperamente a desaprovação de tal imprudente iniciativa.

Esteve também aqui na mesma ocasião o Sr. Secretário da Saúde e Assistência Social para averiguar os fatos.

Havendo interrogado os menores soube deles que, embora não tivessem intenção criminosas, tinham agido por própria iniciativa e contrariado determinações dos seus responsáveis. Valho-me do ensejo para renovar protestos de elevada consideração
Irmão Urbano Máximo Diretor
ao Sr. Exmo. Sr. Dr. Manoel Barbosa Lacerda DD. Juiz de Menores da Comarca da Capital (ABRIGO DE MENORES DE SANTA CATARINA, 1956).

Essa “*Carta*” apresentava uma versão para a denúncia feita pelo *A Verdade* – “*graves injúrias e vergonhosas calúnias*” –, e ao mesmo tempo sugeria uma repercussão causada pela mesma no âmbito dos “*rapazes*” internados no Abrigo, e manifestada por esses quando evadiram-se “*do Abrigo, dirigindo-se à redação do Jornal ‘A Verdade’*”.

Diante desse novo elemento, o que para mim já estava indefinido, ficou ainda mais complexo, para não dizer confuso. Pelo texto da “*Carta*” a denúncia, passava a ser “*calúnia*”, e a ação dos “*rapazes*”, aparentemente indo tirar satisfação do “*Jornal*”, tornava-se corolário daquela. Ou seja, a pretensa legitimidade que eu havia projetado ao “*jornal*”, estava posto em xeque por aquilo que essa “*carta*” continha de significados.

Aquela tendência apontada anteriormente (refiro-me à produção historiográfica sobre instituições de internação de crianças e adolescentes) também era abalada, pois no caso presente, parece que as “*vítimas*” da instituição, quais sejam, os internos, ao invés de solidarizarem-se com as “*denúncias*” trazidas a público pelo “*Jornal*”, voltaram-se contra o seu pretense defensor, pois foi dessa forma que “*A Verdade*” se apresentou naquele dia:

[...] Francamente leitores, estou tão revoltado com o que vi, no Abrigo que nem sei o que contar primeiro, daquele barbarismo todo do ABRIGO. Mesmo assim tentarei, porque tenho certeza de que estarei fazendo um bem para muitos meninos infelizes (A Verdade, 14/11/1956, p.01).

Qual teria sido a razão daqueles “*rapazes*” terem tomado aquela atitude? Coloquei-me a pergunta. Frente a isso uma outra dimensão emergiu, esta relacionada com a maneira como os *rapazes* atribuíram significado aos episódios da “*denúncia*” e da “*fuga*” em direção “*à redação do jornal*”.

Importante demonstrou a utilização das fontes orais com depoimentos de ex-internos do Abrigo de Menores, sobre suas experiências

vividas na instituição e, em especial, como forma de identificar os significados para os ex-Abrigados do episódio noticiado pelo *A Verdade* e a repercussão da fuga deles ao Juiz de Menores pelos Maristas. Os dois entrevistados selecionados, esforçaram-se na rememoração do tema, apresentando as suas próprias avaliações e leituras sobre o episódio, tornando ainda mais complexa a questão do que eu poderia supor.

Primeiramente, nas entrevistas o acontecimento envolvendo a “notícia” não foi mencionado até o momento em que eu o apresentei. Portanto, a “memória” foi provocada a relembrar o vivido. As entrevistas foram realizadas separadamente. Para chegar ao tema da “denúncia” e da “fuga” fui perguntando a respeito de como informações “mundo externo” chegava a eles, Abrigados, e se lhes era facultada a leitura de jornais da cidade.

As lembranças fizeram referência à utilização do rádio como meio de acesso aos acontecimentos do mundo externo, mas o uso desse era restrito, limitando-se, principalmente, à transmissão de programas esportivos ou jogos e música, mas não de notícias.

(Autor)-[...] vocês tinham acesso a jornais diários, coisa assim? Que tipo de informação vocês recebiam do mundo de fora, dentro do Abrigo, né?

(Valmir)- Quase nada! A não ser futebol, só futebol, esporte. É que aquele rádio ficava ligado no esporte; e depois, o mundo lá fora era outro mundo. Entrevista Valmir, 2003).

(Autor) – [...] vocês recebiam informações, liam jornais, coisa assim, ou o jornal quase não circulava, ou que tipo de informação vocês recebiam do mundo de fora?

(Moisés)- O rádio...cada turma tinha um rádio. Quando eu entrei pra lá não tinha, não existia esse negócio de rádio, aí depois, lá pra mil novecentos e cinqüenta e um, cinqüenta e dois, cinqüenta e um mais ou menos, que começou, que apareceu o primeiro rádio lá na, no, aí cada turma ganhou um rádio.

(Autor)- E quem é que escolhia a estação que ficava?

(Moisés)- Não, aí era consenso, o Irmão né, o Irmão Marista, mas aí tinha sempre um lá que gritava –ah, bota na estação. Porque lá não era as estação daqui. Tinha uma rádio naquela época, só tinha uma rádio aqui que era (indecifrável, algo como: rádio Guarujá n.)⁴, então, naquela época era fácil pegar estação de fora, São Paulo, Rio, então o pessoal começava botar na rádio

⁴ A dimensão da constituição de novas sensibilidades e sociabilidades pela introdução do rádio nos modos de vida dos sujeitos sociais, especificamente, dos Abrigados, não será abordada neste trabalho, do mesmo modo, essa dimensão atrelada à imprensa ficará na dependência de uma futura análise mais profunda. A respeito da primeira estação de rádio localizada em Florianópolis ver: MACHADO, 1998.

de, naquela época era muito caipira, né, tinha mais é caipira, então ficava-se escutando caipira (Entrevista Moisés, 2003).

Jornais, até chegavam lá no Abrigo, “os Irmãos recebiam o jornal”, afirmou Valmir (2003), entretanto havia uma diferença entre esse fato e a circunstância dos Abridados lerem tais periódicos. Nesse aspecto, os Maristas eram seletivos, o “mundo externo” não era acessível numa dimensão muito ampla, pois para os Abridados o “jornal não chega lá não”, disse peremptoriamente Moisés (2003).

O meu interesse em saber isso estava relacionado com a tentativa de perceber o significado atribuído ao jornal *A Verdade* do dia 14/11/1956, pelos Abridados. Em outras palavras, como e por que a denúncia gerou uma determinada reação em alguns Abridados? Projetei a esses aos entrevistados o sentido da representatividade da narrativa da qual fala Portelli (1996), ou seja, de que as falas deles expressavam pontos de vistas compartilhados minimamente pelos semelhantes, os Abridados.

Por outro lado, considerando que a leitura de jornais não era facultada aos Abridados, como e por que o jornal-denúncia (*A Verdade*, 14/11/1956) havia chegado até eles? A primeira pergunta é mais fácil de responder. Os Irmãos Maristas mostraram o “jornal” para os internos. Quanto à segunda pergunta, a solução é mais obscura. O interesse dos Maristas em mostrar o “jornal” não estava manifesto. Parece que a reação levada a termo por parte dos Abridados não foi planejada pelos Maristas, embora talvez a tenham desejado, pois aparentemente foram coniventes com a atitude tomada pelos internos, isso é o que me sugere a interpretação do Sr. Valmir:

[...] Depois eu não sei qual foi a repercussão, aí a coisa morreu por ali, nem punidos nós não fomos, porque nós estávamos defendendo uma causa justa, né... E nem punidos não fomos, até porque também os Irmãos lá fizeram, também fizeram corpo mole, né. Com certeza iam fazer corpo mole porque pra mostrar que a gente tinha tido uma reação, né, que a coisa não era assim como foi dito (pelo Jornal *A Verdade*) (Valmir, 2003).

O Sr. Moisés foi na mesma linha de Valmir:

(Autor)- Foram vocês que decidiram isso aí?

(Moisés)- Isso, mas eles também não fizeram muito coisa pra não deixar nós ir não, pra não impedir nós de sair, porque se eles quisessem, tinham impedido.

(Autor)- E eles estavam sabendo disso?

(Moisés)- Sabiam, sabiam ...Eles não impediram de nós ir. Nós saímos meio escondido, mas se quisessem impedir, porque lá

não se dava um passo sem saber⁵, eles sabiam que nós tinha ido, sabiam. Eles queriam que nós desse uma surra no Menezes (risos do autor), prova é que nós chegamos lá de volta, no (Abrigo), quando chegamos de volta não aconteceu nada conosco, nada, continuamos nossa vidas, tudo contando a história que tinha acontecido (risos) (Moisés, 2003).

Quanto ao conteúdo da notícia, para os Maristas estava expressando “*graves injúrias e vergonhosas calúnias*”, e por isso ela teria provocado a conduta dos Abrigados ao irem à “*redação do Jornal*” (ABRIGO DE MENORES DE SANTA CATARINA, 1956).

O significado passado pela “*carta do Diretor do Abrigo*”, acima citada, era a de que os “rapazes” teriam ficados revoltados contra a “denúncia”, denúncia considerada como uma coisa única, como um bloco de “*injúrias e calúnias*”, dando a entender que, se eles, Abrigados, que seriam os supostos “beneficiados” pela atuação do *Jornal* ao ter revelado práticas indignas impelidas a si, tomaram a atitude que tomaram, a legitimidade de todos os fatos noticiados estaria frontalmente abalada.

Os Irmãos Maristas, pela “*carta*”, parecem que queriam afastar a legitimidade da do “*Jornal*” em sua totalidade, e expor uma interpretação à reação dos “rapazes”, apresentando a mesma, publicamente, ao Juiz de Menores.

Os entrevistados, entretanto, sugeriram uma leitura mais complexa sobre o significado do episódio.

Ao invés de considerar a notícia como uma coisa só, Moisés a dividiu em pelo menos dois grandes blocos, cada um com significados e consequências, para ele, distintas: um, relacionado aos Maristas; outro, atrelado aos Abrigados,

No primeiro bloco, em que o periódico criticava apenas os Irmãos, Moisés quis dar a entender que para os Abrigados isso não tinha muita importância, enfatizando que:

Esse cara (se referiu ao Sr. Manuel de Menezes, um dos diretores e proprietários do *Jornal A Verdade*) quis falar mal dos padres, falar mal dos padres, falar mal dos padres. Primeiro ele começou a falar sempre dos padres; depois, começou a falar

⁵ Esse trecho sugere o quão forte era o controle imposto pelos Irmãos Maristas no Abrigo, ou como esse controle era sentido pelos Abrigados, embora, ainda assim, houvesse possibilidades efetivas de atitudes e ações que não fossem percebidas pelos Maristas, ou só o fossem depois de acontecido.

e colocar o pessoal do Abrigo (referia-se aos Abridados) (Moisés, 2003).

Nessa parte final, Moisés anunciou uma profunda diferença na forma como os Abridados leram os diferentes conteúdos e sujeitos referenciados na reportagem. E isso iria repercutir na maneira como eles responderiam a cada uma dessas questões.

No segundo bloco, a diferença já era posta imediatamente num patamar em que o sujeito-abrigado se reconhecia diretamente na denúncia, e talvez por isso, a maneira de repercuti-la tenha sido diferente.

Depois começaram a falar do pessoal do Abrigo, do pessoal do Abrigo, que era tudo raquítico (risos do autor), numa reportagem sai isso, e sai aquilo, e daí (o repórter) andou fotografando um rapaz vomitando e dizendo que o cara estava almoçando, e o cara era, realmente, era bem parecido com aquele que tava almoçando, né, e aquele que apareceu na revista, no jornal era um que tava doente, tinha dado alguma coisa nele, tava na enfermaria, e apareceu. Ele conseguiu filmar, fotografar ele vomitando, aí: – Oh, esse tava comendo aquela comida porca; não sei mais ou menos o que quis dizer, e – agora tá vomitando (risos mútuos) (Moisés, 2003).

Valmir, embora na sua narrativa não delimite dois blocos bem definidos dentro da notícia, identificou o conteúdo no qual ele e os Abridados se viam atingidos ou referenciados.

Ele (o repórter) entrou na enfermaria com a reportagem dele e máquina fotográfica. Naquele tempo não tinha televisão, e fotografou um menino daquele, um galeguinho, eu não me lembro mais o nome dele agora, era um galeguinho que tava com problema de vômitos, problema intestinal. E ele flagrou justamente o guri, naquela pia de limpeza, vomitando. Ta, passou (no jornal), ali o guri tava vomitando porque ele tava doente, mas, e em função do vômito dele, ele (o repórter) já encaminhou a reportagem dele pra outro setor, que foi a cozinha, onde nós tínhamos lá dois barris daquele, daqueles barris de madeira, aqueles tonéis de madeira, que era recolhido a sobra da cozinha tudo ali, o que sobrasse de verdura, de alface, de resto de comida, enfim, tudo aquilo, ia pra lavagem dos porcos lá no chalé, nós chamávamos de chalé (local próximo da casa onde os Irmãos “moravam” no Abrigo, em que havia criação de porcos, galinhas, e alguns outros animais)...Então, aquilo todo o dia era recolhido, e ele fotografou, hoje ta nítido na minha, na minha mente, eu to vendo tudo, ele fotografou os dois barris, e falou que os Abridados comiam, a falta de higiene e a vergonha que era a comida dos internos do Abrigo de Menores. E, em função daquilo, aquele guri tava vomitando lá,

porque se disse mal que aquilo não era comida pra que o ser humano comesse (Valmir, 2003).

A consequência efetiva desse auto-reconhecimento gerou uma atitude inesperada numa instituição de “caráter fechada”, embora não por muros, mas por limites simbólicos e potenciais⁶. A “fuga”, ou nos termos da “*carta*” (ABRIGO DE MENORES DE SANTA CATARINA, 1996), a “evasão” desse grupo de Abridados, aparentemente sem a intenção de abandonar o Abrigo, tanto é que todos retornaram ao mesmo, só poderia ter acontecido por razões muito profundas e significativas para os “evadidos”.

Ah, o pessoal, aí o pessoal não gostou e se reuniu, nos reunimos, e com pedaço de pau e pedra, fomos; escapamos pela, viemos à pé até a redação do jornal que era na Conselheiro Mafra (risos meus). Aí, mas ele chamou a polícia, aí a polícia chegou lá, e nós tudo perto da (redação), chamando ele pra que viesse pra fora, né, dizendo que nós era raquítico, e esse tipo de coisas (Moisés, 2003)

Isso foi o que Moisés me contou. Portanto, as razões para a ida até o jornal estava vinculada diretamente à condição física dos Abridados, “*raquíticos*”, e à situação material-alimentar, que no caso não pode ser simplificada ao simples “bem alimentar-se”, ou ao “sabor gostoso” dos alimentos ingeridos, o significado é mais denso, abordarei isso mais abaixo.

Em sentido semelhante, mas valorizando mais o aspecto do alimento, ou da sua qualidade, Valmir narrou-me que:

O que nós fizemos? Quando nós soubemos, nós saímos de lá eram oito horas da noite, sete e meia, fugindo de lá, eles nem souberam. Quer dizer, a gente ficou tão revoltado, ainda tem um rapaz que (risos), nós ficamos tão revoltado que viemos no, o jornal *A Verdade* era ali na descida da Conselheiro Mafra... O jornal *A Verdade* era ali, e nós saímos de lá e, a Turma, era a quarta Turma (do Abrigo), eu fazia parte, eu tava na quarta Turma, aí viemos em direção ao jornal pra nós quebrar o jornal, nós íamos demolir o jornal, aí, não deu tempo, quando nós chegamos, foram rápido, a polícia, nós chegamos a chegar na frente do jornal, mas aí a polícia chegou e foi distribuindo borrachada, borracha pra tudo que era lado, aí a turma deram tudo no pé, né, a polícia chegou e bateu, né (Valmir, 2003).

⁶ O sentido de potencial pode ser compreendido da seguinte maneira. O Abrigo tinha como fronteiras físicas o mar em um extremo, e a rua em outro, essa separada da estrutura física do Abrigo por uma cerca viva, ou seja, passível de ser facilmente ultrapassada e vencida, sendo dessa maneira diferente de outras construções onde um muro alto, ou grades se apresentavam como barreira física mais difícil de ser vencida para uma fuga, por exemplo. Potencial seria então o limite posto pelo risco sofrido pelo sujeito que quisesse fugir, pensasse ou fugisse, de ser pego e sofrer consequências, diria punição, castigo, por tal ato. O limite potencial construía “muradas” a-físicas, mas que continha e limitava um possível ímpeto de fuga da instituição.

Agora, esses “guris”, além de tomar “borrachada” da Polícia Militar de Santa Catarina, que em Florianópolis tinha e têm a fama de tradicionalmente ser truculenta, além de contrariar a “ordem” do Abrigo, selecionaram a parte da notícia na qual eles se sentiam legitimados para fazerem o que fizeram. Essa seleção tinha seu foco numa espécie de sentimento de pertencimento e solidariedade comum, bem como uma defesa da autoimagem deles, Abridados.

A notícia do “*jornal falava dos padres*”; falava que os Abridados, “*eram tudo raquítico e que comiam comida de porco*”, mas falava também das condições degradantes pelas quais passavam alguns internos postos no “*quartinho disciplinar*”, uma cela para a qual eram encaminhados os Abridados que, no entendimento dos Irmãos, seriam indisciplinados.

Esse terceiro tema, o do “*quartinho disciplinar*”, compondo a denúncia do *A Verdade*, não foi voluntariamente lembrado pelos entrevistados, motivo pelo qual eu provoquei-os a rememorar o mesmo. Surpresa a minha foi a maneira como os entrevistados avaliaram essa parte da notícia, por fim falando que não foram até à redação do Jornal motivados por isso, “*por causa disso...não!*”:

(Autor)- [...] Nesse jornal também havia uma coisa contra o, (relativo) ao quarto lá, o quartinho, né. Havia uma foto lá.

(Moisés)- Ah, esse caso do quartinho, da prisão.

(Autor)- Foi na mesma época, né!?

(Moisés)- É, mas esse quartinho já existia, já existia desde o começo disso aí, desde o começo do Abrigo já existia esse quartinho.

(Autor)- A denúncia também falava sobre esse quartinho, né.

(Moisés)- Isso, porque o cara foi lá e fotografou também isso aí.

(Autor)- E vocês foram (em direção ao Jornal) por causa disso também ou?

(Moisés)- Não. Por causa disso ninguém, até nós não queria que existisse aquilo lá (o quartinho), aquilo era uma condição que nós queríamos que acabasse. Se ele falar só por causa daquilo, porque o pessoal lá não era tão ruim assim pra merecer ficar três, quatro dias lá dentro daquilo lá, aquilo lá era ruim, é como se fosse uma prisão, uma cadeia, então aquilo, aquilo era ruim aquilo (Moisés, 2003).

(Autor)- É, aos quartos, em relação aos quartinhos que o Sr. falou.

(Valmir)- Ah, é, não, não, essa aí não foi, essa daí deve ter sido outra (referia-se à notícia do jornal).

(Autor)- É, eu não sei, eu me lembro de...

(Valmir)- Não, o que, o que...

(Autor)- Essa foto que o Sr. falou eu me recordo.

(Valmir)- O que nos levou a vir pro jornal não foi o, não, mas tá certo, ele (o Jornal em discussão) falava também no, na, mas o que nos revoltou foi mesmo a questão da alimentação, ele falava nesses quartinhos, que era a cela que nós tínhamos lá, era chamado quartinho, exatamente, ele falava, mas isso aí não revoltou a gente porque era verdade, o que revoltou foi o, o...

(Autor)- Alimentação.

(Valmir)- Alimentação que era tudo mentira... Então, a razão foi essa da alimentação. Não tanto do quartinho, mas mais da alimentação (Valmir, 2003).

A denúncia elaborada em relação aos “padres” para os Abridados, envolvia um próximo-distante⁷ e diferente⁸, tanto é que não os atingia profundamente, atingia o outro, os “padres”. E por assim ser, que esses tomassem as providências que quisessem, se assim fosse do interesse.

Já na parte da notícia em que a alimentação e a condição física dos Abridados foram postas sob avaliação e crítica, os “rapazes” do Abrigo se viram diretamente tocados na sua auto-imagem, na sua auto-estima, no seu amor-próprio em duas dimensões pelo menos.

“*Raquíticos*”!!! (A Verdade, 14/11/1956). Os internos do abrigo exerciam atividades físicas durante todo o dia, quer na hora do lazer-esporte, quer na hora do trabalho-“aprendizagem” (abrangia o trabalho numa das oficinas do Abrigo, encadernação, sapataria, marcenaria, alfaiataria, barbearia, ou o trabalho na Secção Agrícola, ou na horta), quer na manutenção da obra (limpeza dos quartos, banheiros, salas de aula, corredores, louça, etc), além da horário da educação física. Ou seja, a obra funcionava pelo emprego da força muscular dos Abridados nela.

“*Aquilo não era comida pra que o ser humano comesse*”!!! (Valmir, 2003) Boa parte dos alimentos servidos aos Abridados eram produzidos no próprio Abrigo, ou na Horta, ou então na Secção Agrícola, e só germinavam

⁷ Próximo, pois os *padres* viviam diariamente com os Abridados; distante, pois aqueles ocupavam um outro espaço-referência dentro da dinâmica do Abrigo de Menores, qual seja, eles eram os “disciplinadores, educadores, controladores” administradores e “responsáveis”, frente a oficialidade, pela instituição.

⁸ Diferente, pois os *padres* não eram abridados – crianças que, mediante uma intervenção judicial, foram encaminhados ao Abrigo–, eles, em relação a estes, eram o outro, o diferente, o *padre*, não o abridado. Nessa medida, os Abridados compartilhavam experiências entre si, a partir de sua condição de interno, que era uma diferença posicional profunda em relação às experiências que os maristas compartilhavam entre si. Em palavras resumidíssimas, os *padres* eram os *padres*; os Abridados eram os Abridados, ainda que uns e outros possam ser reconhecidos como imersos em múltiplas maneiras de terem vivido a experiência dessa condição. Ainda assim essa mesma condição os distingue com participantes de um grupo, ainda que não homogêneo, do outro grupo, também não homogêneo.

porque os internos trabalhavam em todo o processo de produção até a colheita, e depois, como no caso do melaço, no engenho de açúcar. O alimento que aquelas crianças e adolescentes comiam era temperada com o suor e o cansaço, pelo menos, físico dos seus colegas Abridados, ou até mesmo do seu próprio. Sem contar que na cozinha havia também a atuação de alguns internos na preparação das refeições. Falar mal da comida dentro dessas condições ganhava, para os rapazes, um significado todo especial: tratava-se estar falando mal deles próprios!

Agora, o que faria com que eles se sentindo mal falados tomassem a atitude que tomaram. Na atitude/reação coletiva que levaram a termo o que os teria ligado?

Para compreender essa questão, que eu coloquei de maneira racional, mas que para aquelas crianças foi vivida de maneira tensa e significativa. De acordo com Moisés, “*continuamos nossa vidas, tudo contando a história que tinha acontecido (risos n.)*” (2003). A noção de sentimento de pertencimento parece adequada para essa situação pois,

O sentimento de pertencer, compartilhar interesses, memórias e experiências com outrem, sentir-se parte de uma ampla coletividade, possuir valores em comum e sentimentos profundos de identificação...“pertencimento” significa, em termos amplos, fazer parte do que a coletividade reconhece como um nós (ARANTES, 2000, p. 132),

ou ainda, como o sentimento no qual sujeitos que, estando imersos em uma determinada condição, se reconhecem mutuamente como imersos na mesma, ainda que se possa considerar a existência de diferenças e de multiplicidade entre si, o que os liga ao sentimento de pertencimento, é o auto-reconhecimento mútuo de estarem em uma determinada condição de semelhança profunda – os Abridados, no caso–, mesmo que circunstancial, num presente, que contém um passado contínuo, mas no período em que se vive, ou se viveu essa condição, ela os liga.

O sentir-se parte de um grupo (o dos Abridados) diferente, no caso do Abrigo, de outro (o dos “padres”), e de aquele ter sofrido “agressão”, sentida como significativa, movimentou os “rapazes”, ou parte deles, “*os mais corajosos*” (Valmir, 2003), a dirigirem-se até o jornal para tirar satisfação do mesmo quanto ao que este publicara em relação a eles – “*raquíticos e alimentação*”. A autolegitimação está também relacionada com elementos que

compõem e constituem o sentimento de pertencer, quais sejam, a auto-imagem, a auto-estima, o amor-próprio, que os semelhantes se reconhecem reciprocamente.

Nesse processo de seleção sobre o noticiado no *A Verdade*, os rapazes consideraram um terceiro viés, aquilo que o jornal falava a favor dos Abridados, que ao contrário de gerar contrariedade, produziu concordância com o periódico, esse motivado por um sentimento de solidariedade comum pelos semelhantes. Isso disse respeito às denúncias envolvendo o “*quartinho disciplinar*,” local no qual ficavam “*presos*” alguns Abridados que, conforme Moisés (2003), “*não eram tão ruins assim pra merecer ficar dentro daquilo lá*”.

Para os Abridados, o episódio tinha pelo menos essas três dimensões. Não se reduzindo a uma mera defesa incondicional da instituição e de quem nela estava, tal como sugeria a “*carta do Diretor do Abrigo para o Juiz de Menores*”, de 17/11/1956 (ABRIGO DE MENORES DE SANTA CATARINA, 1956).

As minhas intenções, dentro do tema denúncia do jornal *A Verdade*, de pesquisar jornais de Florianópolis buscavam atender à algumas questões que eu me colocava. Como o Abrigo de Menores aparecia no jornal *A verdade*, no período anterior à denúncia? Como esse periódico trabalhava o tema infância, e se a “denúncia” poderia ter alguma relação com uma trajetória em defesa da infância? Como o jornal era estruturado? Como ele se posicionava no campo das disputas políticas? Como os outros jornais repercutiram o caso? A quais grupos políticos alguns jornais estavam vinculados?

Para atender a essas demandas decidi que seria necessário inventariar toda a trajetória do jornal *A Verdade*, o que compreendia aproximadamente oito anos de publicações. Quanto aos outros jornais, decidi, nesse recorte temático, fazer a leitura do ano, 1956, ou do período que antecedeu, mês de setembro, outubro e novembro, ou que sucedeu, mês de novembro e dezembro⁹, ao episódio “denúncia”. Aqui, analisei os seguintes periódicos.

⁹ Na realidade o levantamento realizado nos jornais abrangeu o período de 1950 a 1973.

Iniciei pela leitura do *jornal A Verdade* do ano de 1956. Encerrada essa fase, passei a ver diversos periódicos, entre os quais *O Apóstolo*¹⁰, *O Estado*¹¹, *A Gazeta*¹², *Resistência*¹³, *O Tempo*¹⁴, *Diário da Tarde*¹⁵, *Diário Oficial do Estado*, do período envolvendo a denúncia.*****

¹⁰ Jornal “O Apóstolo”. Leitura feita do período de setembro a dez de 1956. Órgão vinculado à Congregação Mariana, e prioritariamente divulgava notícias dela, sendo a pauta de caráter religiosa, católica. O jornal *O Apóstolo* era um órgão da Congregação Mariana Nossa Senhora do Desterro e “grande propulsor e divulgador dos princípios morais e cristãos em todo o Estado”, que serviu entre outras funções para “revitalizar a imprensa católica, patrocinando uma campanha de higienização e moralização contra o embrião do liberalismo, do comunismo, do nazismo, do protestantismo e do espiritismo” (SOUZA, 1998, p. 41-51)

¹¹ Jornal “O Estado”. Tratava, sobretudo, de política, mesclando noticiário de caráter nacional, dos grandes centros como Rio de Janeiro e São Paulo, internacional, estadual e também local, nesse último não se prendendo muito à questões do cotidiano rotineiro. Parece que a dignidade e o prestígio local estavam relacionada ao seu distanciamento quanto aos problemas mais próximos de onde o jornal era editado, ou seja, Florianópolis, isso pelo menos nesse período. Cabe dizer que as notícias nacionais e internacionais eram reprodução de matérias produzidas pelas agências. Era um dos dois jornais de maior prestígio e o de maior tiragem no período. O corte/forma da sua abordagem era e é conservador. Em 1956, especificamente, estava nas mãos da família do ex-Governador Nereu Ramos, assumindo a plataforma do Partido Social Democrata (MAY, 1996, p.46).

¹² Jornal “A Gazeta”. Pauta semelhante à do Jornal *O Estado*. A sua abordagem era conservadora. Em 1956, especificamente, estava nas mãos do grupo político liderado pelo ex-Governador Irineu Bornhausen, assumindo a plataforma do União Democrática Nacional (MAY, 1996, p.46).

¹³ Jornal “Resistência”. Leitura feita do período de 05 de novembro de 1956 a 28 de janeiro de 1957, n. 016 a 27. Hebdomadário com a pauta política regional, trazendo também notícias a respeito das regiões, as mesmas relacionadas aos locais onde os políticos, que compunham a direção do Jornal, tinham inserção. A direção do Jornal estava a cargo de Paulo Konder Bornhausen (Deputado Estadual), Volney Colaço de Oliveira e Ruy Hülse (Dep. Estadual), o Gerente era Wilmar Vaz. Rui Hülse chegou a ocupar o cargo de Governador do Estado em 1960-1 pela ausência do Governador da época (CORRÊA, 1983, p.36,163-4)

¹⁴ Jornal “O Tempo, semanário independente”. Visto de maneira aleatória. No período de novembro e de dezembro de 1956 não foi possível vê-lo, pois na Biblioteca Pública, ele está arquivado até a edição do dia 21/10/1956. Uma questão que provoca o meu interesse especial por esse hebdomadário, essa diz respeito a que o *Fundador*, J.J.Barreto, do *Jornal* ter sido médico no Abrigo de Menores, e no período das “denúncias” do *A Verdade*, ele ter protagonizado o papel de defensor público do Abrigo, e dos Irmãos Maristas especialmente, pois fez isso difundindo um texto assinado em diversos periódicos de Florianópolis. O *O Tempo* tinha como diretor Ari Machado, dentista do Abrigo, e como Redator-chefe Fernando Herrera, sendo o Gerente Milton Faria.

¹⁵ Jornal “Diário da Tarde”. Leitura feita do período de 07 de novembro de 1956 a 29 de dezembro de 1956, n. 0129 a 151. Era diário, passando depois a ser semanal, para depois ser de três em três dias. No período analisado a periodicidade não era definida, mas nunca passava de uma semana. A pauta do jornal era sobretudo política, contendo notícias dos grandes centros do Brasil, São Paulo e Rio de Janeiro, que recebiam especial atenção. As notícias internacionais também recebiam uma boa acolhida no jornal que era menos atrelado às questões quotidianas de Florianópolis, tentando apresentar, ou ser um jornal que noticiava para Florianópolis e Santa Catarina aquilo que “acontecia” no Brasil e no Mundo. As questões regionais encontravam espaço, mas atreladas ao tema político e às disputas políticas. Expressava uma linha “conservadora”. Edições de 04 folhas, 35cm largura e 56cm de altura. Segundo CORRÊA (1984, p. 218) diz: “A trinta de julho de 1935, surgiu, sob a organização de Adolpho Konder e direção do Ex-Presidente Flúvio Aducci (ex-presidente do Estado de SC), o “Diário da Tarde”, órgão que viria a substituir o opositorista “A Pátria”. Com o objetivo de preparar as eleições para vereadores e Prefeitos em todo o Estado e defender a minoria dos Deputados estaduais de

No ano de 1956, até a data 14 de novembro, o *jornal A Verdade*, nada publicara sobre o Abrigo de Menores, e sobre a infância uma ou outra notícia, indicando, desse modo, que a temática infância e o Abrigo de Menores, não aparecia como relevante a exigir do Jornal uma atenção especial mais direta.

O Abrigo de Menores aparecera destacadamente com a manchete **“CARRASCOS! Roubalheiras e fome no ABRIGO DE MENORES Meninos acorrentados em celas imundas, acabam tuberculosos!”** (A Verdade, 14/11/1956, p. 1) a partir daí a celeuma estaria aberta, e o Abrigo ficaria em pauta por um certo tempo, para depois voltar ao “ostracismo” pelo menos nas considerações da imprensa Catarinense, especialmente, florianopolitana.

A essa primeira manifestação do jornal *A Verdade*, do dia 14/11/1956, seguiu-se um silêncio dos dois principais jornais diários do Estado, ou pelo menos de Florianópolis, “*O Estado e A Gazeta*”, sendo acompanhados pelo silêncio do “*Resistência, O Apóstolo*”.

Esse primeiro silêncio precisa ser pensado dentro do contexto no qual o jornal apresentou a matéria, não fora dele, da mesma maneira, é necessário considerar a trajetória jornalística, política e social do periódico.

Na matéria que acompanhava a manchete-“denúncia”, o texto, que foi ladeado por nove fotografias, estava estruturado de tal maneira que o destaque era dado à crítica à política e a alguns políticos, parecendo que a questão dos fatos divulgados a respeito do Abrigo apenas vinha a corroborar e reforçar a opinião tecida sobre aquela e aqueles. Por outro lado, buscava-se difundir, reiteradamente, uma imagem a respeito do jornalista Manuel de Menezes, produtor da matéria e dono do Jornal, como de defensor dos pobres:

Os poderosos só tratam de si...Estou aqui apenas cumprindo minha missão de fazer jornal em defesa do povo...Das autoridades não espero a menor providência...Vou contar o barbarismo que vi no ABRIGO, só para o público tomar conhecimento. Só para os eleitores verem bem de perto quem são os homens que sempre têm eleito para ocuparem os cargos públicos (A Verdade, 14/11/1956).

oposição...iniciou a sua vida pelo caminho que o caracterizou durante todo o tempo, até a década de 50: a oposição através da crítica severa e dura ao Governo estadual.”

Contudo, as “denúncias”, que se baseava em “fatos”, ou, talvez seja melhor falar, em uma versão elaborada sobre dados da realidade, apareceram no texto...

[...] O filhinho foi para o Abrigo, ou por outra, foi direto para o inferno. E sabem por que inferno? Porque trabalham feito escravos, vivem raquíticos e amarelos, pela fome que passam. Sabem por que fome? Porque só comem lavagem. Feijão podre com arroz. Isto eu vi ontem...Água suja de feijão com arroz bichado!

[...]... um garoto quando tentava engolir a lavagem, saiu correndo da mesa, para vomitar perto da porta do refeitório.

[...] O IRMÃO... nos levou até a porta das celas, onde se diz que “quando os garotos entram, costumam sair tuberculosos”, ...a porta do inferno escuro, qual seja, aquela maldita cela debaixo do porão! Depois dessa, acho que não se precisa mais falar em inferno. Porque se existir coisa mais terrível, que jogarem as crianças dentro de uma cela a dormir num cimento sujo e frio, passando a lavagem de feijão bichado, então eu, desde já, prefiro o outro inferno que dizem existir! Sim, porque os coitadinhos lá estavam feito uns bichos, com correntes presas nos pés, atirados naquele cimento sujo e frio! Ao ver aquele vergonhoso quadro, pedi ao IRMÃO (só se for do satanaz, menos meu)¹⁶ que me deixasse entrar na cela...

[...].. o dentista...que é pago pelo Governo...há dois anos que não aparece no seu gabinete no Abrigo...Vejam a que ponto chega a bandalheira...o Sr. Ari Machado passa dois anos sem dar as caras lá pelo ABRIGO, fica fazendo um jornal (se referia ao jornal “O Tempo”, anotação minha), na Imprensa Oficial do Estado...tudo de graça.

[...]... há aquele outro caso, dos meninos que desesperados pela fome, foram pescar baiacú, e um deles morreu envenenado pelo peixe que comeu! (...)

[...]... muita gente anda enrustindo o dinheiro ganho pelo suor que escorre da cara dos desgraçados meninos que são jogados no ABRIGO DE MENORES!

Enquanto isso o IRMÃO diretor do ABRIGO, passeia dia e noite naquela luxuosa caminhonete (A Verdade, 14/11/1956).

A matéria, além de apresentar as denúncias, serviam com o instrumento voltado para justificar e legitimar uma certa “localização” política do diretor do Jornal.

Articulado a isso, e buscando perquirir a trajetória jornalística, política e social do periódico, o meu escopo era perceber qual teria sido a justificativa para o silêncio de parte da imprensa nesse primeiro momento, diante de tal “estardalhaço”. Para isso recorri à leitura de todas as edições do

¹⁶ Essa característica de ser irônico e sarcástico era um traço frequente nos textos e nas matérias elaboradas no jornal *A Verdade*, especialmente, nos de autoria de Manuel de Menezes.

jornal *A Verdade* que constavam do acervo da Biblioteca Pública¹⁷, faltando não muitas edições, o que me permitiu fazer um bom levantamento.

O “*A Verdade*” começou a ser editado em 1952, encerrou atividades em 1959, tendo como pauta fundamental a política local, regional, nacional, nessa ordem de prioridade, isso um traço característico de boa parte da imprensa em Santa Catarina, até pelo menos a década de 1970, quando o grupo de comunicação RBS ingressou no mercado da comunicação no Estado (FLORES, 1997, p. 66).

O proprietário do “*A Verdade*” tinha pretensões políticas, utilizava-se do periódico para tentar atender a essas, sendo esse jornal muito mais do que um “mero reproduzidor dos fatos tais como aconteceram”, mas sim um elemento constituinte do, e constituído pelo processo social, ou seja, compunha e era composto, constituía e era constituído na relação imbricada com a dinâmica social. O jornal não estava descolado, ou deslocado da sociedade em que existia, ele estava com ela, junto, não como um idêntico, mas como um referenciado num comum.

A localização política de Manuel de Menezes, dono do jornal, no período sofreu modificações freqüentes. Embora ele se dissesse descompromissado com qualquer político, pois atribuía a si a posição de defensor do povo, de um momento para outro, sua adesão a certo político tornava-se incoerente este aspecto diante do seu discurso. Os grupos políticos hegemônicos no Estado, PSD e UDN, tinham disputas históricas e pessoais, sobretudo, nessa década entre a Família Ramos, de Nereu Ramos, e o grupo liderado por Irineu Bornhausen, em relação a eles, o “*A Verdade*” estabelecia críticas e denúncias, estando ora aqui, ora ali, para depois elaborar elogios e mais tarde voltar às críticas sobre tais políticos.

**IRINEU CONTRA MANUEL DE MENEZES (A Verdade, 12/12/1952 p.01)
RENUNCIA, IRINEU! (A Verdade, 30/01/1953 p.01)
A VASSOURA VEM AÍ... Quanta mentira! Nereu volta a enganar a gente (A Verdade, 07/06/1954, p.01)**¹⁸

¹⁷ Da edição n.º 01, de 15 de agosto de 1952 até a n.º 501, de 31 de setembro de 1959.

¹⁸ Importa registrar que, a partir de maio, Manuel de Menezes difundiu a sua candidatura, primeiro, à Deputado Federal, depois, à Prefeito de Florianópolis, e, também, a candidatura de Menezes Filho à Deputado Estadual. Patrocinou a fundação do Partido Trabalhista Nacional (PTN) e mobilizou o jornal, na sua candidatura. O noticiário caminhou para uma tentativa de angariar adesões à sua campanha, denunciando os adversários.

**O PSD A FAVOR DO MERETRÍCIO (A Verdade, 31/01/1955, p.01)
SUMIU A MALOCA DO SENADOR (referia-se a Nereu Ramos, anotação minha) Osmar mandou demolir os três pardieiros e internou no asilo o casal de velhinhos que dormia naquela podridão (A Verdade, 31/01/1955, p.05)**

Vinculado a isso é que se manifestava a maneira como o *A Verdade* abordava as suas temáticas. O tom era “sensacionalista”; manchetes “bombásticas”, em letras em caixa muito alta, por vezes acompanhada de fotos, com legendas sarcásticas e irônicas; chamadas engraçadas, chistes e gozações compunham não só as entradas de matérias, mas sobretudo os textos seguiam também essa “ordem”, vejamos:

**O MENINO RAPTADO É DESCOBERTO PELO NOSSO JORNAL! (A Verdade, 09/07/1956 p.02)
Sentaram o pau no Papai Noel (A Verdade, 28/12/1956 p.04).
O SASSARICO DO PREFEITO FOI PAGO PELO POVO! Glenda Rubia exibiu-se de novo para escândalo da família catarinense (A Verdade, 28/02/1957 p.08)**

As denúncias, sempre relacionadas às disputas políticas, e como a dar substrato àquelas, apareciam e desapareciam ao tempo de perderem a capacidade de repercutir. Elas eram sempre relacionadas ao papel de defensor dos pobres atribuído ao próprio proprietário do jornal, que assumia um tom épico e salvacionista nesse quesito.

**OS LEPROSOS TAMBÉM SÃO NOSSOS IRMÃOS! Situação de penúria das hanseanos pobres da Colônia Santa Têzeza: Doentes morrem a mingua: Menores surrados: Dr. Ivan Bastos de Andrade diretor sem coração (A Verdade, 18/05/1953).
DESFALQUE NA COLONIA SANTANA! No próximo número publicaremos reportagem completa sobre o grande desfalque na Colônia Santana, atribuído ao Dr. Santaela, seu ex-diretor e presidente do Lion’s Club Florianópolis. AGUARDEM A BOMA! (A Verdade, 06/06/1955)
MORREU DE FOME uma criança em Florianópolis. Onde andarão as almas de caridade que nas vésperas das eleições sempre percorrem os morros (A Verdade, 25/10/1956 p.01).
VAI ACABAR A FOME! As damas de caridade, resolverão o angustiante problema se os políticos não colaborarem, seus retratos sairão neste jornal de cabeça pra baixo (A Verdade, 25/10/1956 p.01)**

OS GRANDES ESQUECIDOS: Paulo Fontes está matando de fome os internados da Colônia Sant'Ana (A Verdade, 15/10/1956 p.01)

Independente do noticiado ser ou não verdade, importa-nos perceber como, no periódico, tratava-se os temas.

Reconhecendo, por enquanto, as duas dimensões apresentadas, pode se pensar sobre a própria “credibilidade” e validade atribuída àquilo que *A Verdade* publicava, não esquecendo que, em 1956, o jornal já tinha quatro anos de existência, ou seja, seus leitores tinham uma “noção” de como o jornal trabalhava e de qual o valor a ser atribuído ao mesmo.

Quanto à posição auto-assumida de que o “*A Verdade*”, e o seu proprietário, Manuel de Menezes, defendiam àqueles que ninguém defendia, os pobres, percebi claramente um enfoque “populista”, “utilitário” nos discursos publicados. Nessa direção, Manuel conseguiria facilitar o diálogo com a população, pois abriria uma rádio em 1957/8.

Isso tudo articulava-se com as intenções políticas de Menezes, pois, primeiro o jornal, primeiro, e depois a rádio, servia como instrumento de difusão de idéias, de imagens sobre a sua figura e de propaganda política direta, como a reprodução de cartazes políticos, notas dizendo o porque se deveria votar nele ou em um candidato a ele vinculado.

Sua relação política, desde 1954, estava estreitando-se com idéias e partidos de corte nacionalista, tanto é que ele anunciou mais de uma vez a possibilidade do nome de Plínio Salgado ser lançado candidato ao Senado Federal, por Santa Catarina, depois Governador, a presidente, depois apoiou o nome de Jânio Quadros. Menezes candidatou-se a Prefeito, Deputado Federal e depois Deputado Estadual, sendo, por fim, eleito em 1958 para essa última função.

A respeito do conteúdo do “*A Verdade*”, de uma pauta predominantemente local e regional nos anos iniciais, em que havia de duas a três edições semanais, sem periodicidade rigidamente estabelecida, passou-se para a inclusão de temas nacionais, privilegiadamente Rio de Janeiro e São Paulo, e até internacionais, quando o jornal tornou-se diário. Nesse aspecto, ele aproximou-se de uma “tendência”, esta como referencial de importância, ou de distinção da imprensa meramente local, dos jornais de maior prestígio e

“importância” no Estado, *O Estado* e *A Gazeta*. De duas, uma, ou as duas mesmo: ou esses jornais diários tinham como imprescindíveis a publicação das matérias nacionais e internacionais, para ocupar espaços em suas edições, pois a pauta local não produzia notícias em quantidade suficiente para permitir a existência de um diário; ou, efetivamente, publicar temas de repercussão nacional e internacional atribuía um “valor” diferente frente aos demais jornais periódicos hebdomadários, quinzenais, com pauta regional ou local.

Uma característica do “*A Verdade*” era a forma como esse escrevia suas matérias. Seu texto era em prosa, parecia procurar estabelecer quase que um diálogo com o possível leitor, era quase que uma narrativa em que o “fato jornalístico” entranhava-se na narrativa, parecendo mais uma estória, do que um acontecido. Ele destoava assim dos demais jornais da época em Florianópolis.

Um outro fator também o distinguia. Todas as edições do “*A Verdade*” utilizavam-se de imagens fotográficas produzidas com uma qualidade e quantidade não vista nos outros jornais. A linguagem fotográfica, junto com a linguagem escrita das legendas, e do próprio texto e manchetes, criavam um campo de intertextualidade que exercia a função de causar impacto e repercutir (CHARTIER, 2002, p. 61-76).

No fim da década de 1950, Manuel de Menezes foi eleito Deputado Estadual, e seu jornal entra em decadência, parecendo ter atendido ao objetivo principal, alçar o seu dono, ao espaço do poder político institucional. Entretanto, Menezes não ficou muito tempo na Assembléia, pois foi cassado, e com ele afundou, melancolicamente, sem periodicidade definida, o jornal “*A Verdade*”.

O Jornal “*A Verdade*” fecharia suas oficinas no ano de 1959, seu proprietário cairia no ostracismo por um tempo, mas o episódio Abrigo ficaria nas memórias de alguns internos, no livro de memórias de Manuel de Menezes (1977, p. 179-182), no arquivo restrito dos Maristas, e, para surpresa minha, na lembrança de um senhor, vivente em Florianópolis, contemporâneo aos acontecimentos envolvendo o Abrigo, que casualmente encontrei numa agência de fotografia, e que em meio à conversa estabelecida, recordou-se do episódio.

As três dimensões, jornalística, política e social (sensacionalista, interessado no processo político, “defensor do povo”), no “*A Verdade*” ligavam-se de tal maneira que tentar separar ambas só é possível se for reconhecido o limite de tal procedimento, considerando que eles estavam sempre relacionados de maneira dinâmica, assim como relacionados no processo social do qual fazia parte.

Mas, aquele primeiro silêncio dos jornais de Florianópolis não foi acompanhado por alguns Abridados que sabendo da notícia, e contrariados profundamente por parte dela, saíram em disparada por algumas ruas de Florianópolis em direção ao centro, região onde ficava a redação do “*A Verdade*”, com o intuito de exigir explicações do diretor do Jornal Manuel de Menezes. Situação essa que colocava em xeque, senão toda, pelo menos parte da legitimidade que Manuel se auto-atribuiu ao dizer:

Estou tão revoltado com o que vi, no Abrigo que nem sei o que contar primeiro, daquele barbarismo todo do ABRIGO. Mesmo assim tentarei, porque tenho certeza de que estarei fazendo um bem para muitos meninos infelizes (*A Verdade*, 14/11/1956).

Diante dessa reação dos “rapazes”, a edição seguinte do “*A Verdade*”, do dia 16 de novembro de 1956, tentou retirar qualquer possibilidade da conduta dos “*garotos do Abrigo*” ter sido tomada por opção dos mesmos, para ele as “*crianças inocentes*” foram arregimentadas e levadas pelos “*Irmãos*” (Maristas)

«O MENEZES É MENTIROSO» Os Irmãos do Abrigo de Menores abarrotaram um caminhão de garotos e saíram pelas ruas gritando que o autor das denúncias contra aquela casa de correção é mentiroso. Está na cara que Florianópolis virou Circo!

Florianópolis é uma terra bôa, porque tudo de impossível acontece aqui. Ontem os IRMÃOS lá do Abrigo de Menores encheram um baita caminhão de crianças e andaram percorrendo as ruas da cidade aos gritos «O MENEZES É MENTIROSO, O MENEZES É MENTIROSO». Francamente, leitores, isto aqui virou mesmo um Circo. Afinal onde estamos? Naturalmente numa terra sem lei, porque depois de toda aquela reportagem sensacional em que o *A Verdade* mostrou e documentou as roubalheiras, os maus tratos que os IRMÃOS praticam contra as crianças inocentes, eles obrigaram os meninos a gritarem pelas ruas que eu sou um mentiroso. Cinismo dos cinismos! Mentiroso se provei toada a patifaria com fotografias? Mas tudo isso não me causa surpresa não,

porque os culpados são os homens que nos governam (A Verdade, 16/11/1956, p. 01 e 02).¹⁹

Seguindo a matéria, o *jornal* reproduziu, na página 02, todas as fotografias e parte das denúncias da edição anterior, acrescentando outras, na página 01, para tentar reafirmar a legitimidade do jornal, bem como o sucesso da edição, vejamos o texto:

[...]Vários rapazes que já tiveram a felicidade de deixar o Abrigo, andaram me contando que a maioria que vai para as celas é simplesmente porque não quer sentar no colo de certos IRMÃOS...Disseram-se, também, que existia um IRMÃO que não era bem homem...e às vezes... segurava algum garoto para satisfazer seus desejos de tarado, de invertido sexual.
[...]a edição se esgotou rapidamente, ficando por isso, muita gente sem tomar conhecimento do conteúdo dessa verdadeira “bomba” jornalística que Manoel de Menezes escreveu (A Verdade, 16/11/1956, p. 01 e 02).

Não há como saber, e talvez nem seja importante, se foi em função dessa nova publicação, ou em função da ação dos *garotos*, ou de uma reação dos próprios Maristas ou do Governo, mas, no dia 17 de novembro, o jornal “O Estado” (O Estado, 17/11/1956, p. 8) reproduziu, sem tecer qualquer outro comentário, o texto “O nosso Abrigo”, de autoria de J.J.Barreto, na sua contracapa.

O referido texto, que também seria divulgado em outros jornais, em outras datas, como mostrarei mais abaixo, foi elaborado pelo Médico do Abrigo de Menores, J.J. Barreto. Nele se fez uma defesa direta da atuação dos Irmãos Maristas na instituição: “*educadores magníficos*”; das condições de alimentação: “*é boa é suficiente*”, e; das celas, ou “*presídio, onde estão detidos, sem maiores vigores, os menores que se insubordinam, é inevitável em estabelecimentos dessa natureza*”. Os “*menores*” que para lá iam “*bisonhos e analfabetos*”, passavam por um processo de “*instrução e educação, seguida pela profissionalização*”, tudo sob uma “*disciplina sem rigor*” e “*sem intolerância*”, saindo com “*instrução, educação e uma profissão*” (O Estado, 17/11/1956, p. 8).

Diferentemente do quadro caótico apresentado por Menezes, um “*inferno*”, Barreto apresentou um quadro harmonioso, coerente, sem fissuras ou tensões, para ele, os “*menores*” ingressavam no Abrigo, e sob os cuidados

¹⁹ Essa foi a primeira edição do jornal publicada depois do dia 14 de novembro.

“*magníficos*” dos Maristas, instruíam-se, educavam-se, e profissionalizavam-se, “retornando à sociedade, aptos a serem úteis”. Barreto, então, buscou afirmar, ou reafirmar a legitimidade dos Maristas, em sua totalidade, na condução da administração da instituição. Não mencionou o ato dos “*rapazes*” do Abrigo contra o “*A Verdade*”.

Em resposta à esta carta, ainda no dia 17 de novembro, o “*A Verdade*” apareceu com a seguinte manchete:

JUDAS FEZ PIOR!
J.J. BARRETO DEFENDE OS CRIMINOSOS
Sou um grande imbecil porque tenho no peito um
coração diferente, (A Verdade, 17/11/1956, p. 01 e última página)

seguida da reprodução do próprio texto de J.J. Barreto, e de comentários de Menezes, em um texto anexo, ressaltando denúncias pessoais à Barreto. Ainda na capa, ele apregouou uma outra manchete, chamando a atenção para a sua condição “inglória” de ficar “*defendendo os pobres*”:

INGRADIDÃO HUMANA
“Pai, perdoai os ignorantes, eles não sabem o que
fazem” (A Verdade, 17/11/1956, p. 01)

No matéria que segue a isso ele busca reforçar a idéia de que os “*garotos*”, em número de “*setenta e tantos*”, eram “*ignorantes*”, e de que por isso foram até a redação do “*jornal*” para “*enforcar-me e ‘empastelar’ as oficinas e redação*”, sob a condução dos “*IRMÃOS (do satanaz)*”, disse “*A Verdade*” (A Verdade, 17/11/1956, p. 01).

Percebendo a não repercussão, como talvez esperasse, nos demais jornais, Menezes provocou: “*J.J. Barreto assinou (o artigo, anotação minha) e mandou publicar no jornal O ESTADO. Consta que A GAZETA não quis pegar a ‘bomba’*” (A Verdade, 17/11/1956).

Frente a isso, no dia seguinte, 18 de novembro, “*A Gazeta*” (18/11/1956, p. 6), na sua contracapa, como que respondendo e fixando um posição em relação à questão, reproduziu o texto de J.J.Barreto, não elaborando qualquer outro comentário, dando o assunto por encerrado, não repercutindo nada mais.

Esse mesmo artigo sairia ainda no dia 20 de novembro no “*Diário da Tarde*” (20/11/1956, p. 04), em sua contracapa, sem acréscimo de comentários ou observações nem nessa edição, nem nas posteriores.

Como a quer encerrar o assunto, passando uma espécie de “sentença final”, “*O Estado*” se permitiu apresentar o seu “olhar autorizado” (CHAUÍ, 2011) sobre o caso, não numa espécie de “resposta” ao “*A Verdade*”, pelo contrário, nem o menciona, mas na emissão de uma opinião, diante a repercussão das “denúncias”, do “principal” Jornal do Estado, que naquele momento ocupado.

Essa “autoridade” estava expressa no estilo peremptório como o texto foi escrito, assim como na forma de sua composição. Ele estava na primeira página do jornal (capa), destacado do corpo das notícias daquela edição, aparecendo ao lado do nome do jornal no topo da página, como a querer dizer, “*O Estado*” pensa isto:

**Eles merecem respeito
Educadores consagrados, eficientes, enérgicos,
austeros e humanos, os Remos. Padres que dirigem p
Abrigo de Menores, já encaminharam para o Trabalho,
para a Família e para a Pátria várias centenas de
meninos, que se teriam desviados para os maus
caminhos, não fosse o zêlo, a abnegação e o
permanente espírito de solidariedade cristã de tão
eminentes educadores.
Eles solidarizam-se nossa capital e nosso Estado que
tantos e tão grandes serviços lhes devem.
E, antes que influam em seus ânimos, injustiças e
farisaismos, cabe aqui um apêlo que é reflexo unânime
da nossa sociedade: continuem, continuem,
continuem. (O Estado, 18/11/1956, p. 1)**

Depois disso, silêncio nos jornais, menos no “*A Verdade*” que numa descendente vai deixando de repercutir o assunto, no dia 19 de novembro sob a chamada **NÃO ESTAMOS SO’S! Carta aberta ao MENEZES (A Verdade, 19/11/1956, p. 1 e 3)**, reproduziu uma carta assinada por “*Paulo Silva*”, elogiosa e favorável ao “*A Verdade*”. No dia 20 de novembro sob o mesmo título reproduziu uma outra carta elogiosa, assinada por “*Luiza Santos*”, que dizia: Porque o senhor tem acabado com muitas bandalheiras, roubos e protegido os infelizes...uma das melhores publicações que o sr. tem feito, foi essa sobre o Abrigo de Menores.” (A Verdade, 19/11/1956, p. 1 e 3)

Desta data em diante, assunto encerrado nas páginas do jornal, até o dia 18 de janeiro de 1957, quando meio que querendo implicitamente reforçar a sua posição de outrora, apresenta na primeira página, sob o título **ESPANCADO NO ABRIGO DE MENORES O Juiz de Menores ordenou**

exame de corpo de delito, o despacho do Juiz para o caso, e ao final escreve um pequeno comentário bastante significativo: “Recebendo o requerimento o Sr. Juiz de Menores ordenou imediatamente exame de corpo de delito, cujo resultado constituirá peça do inquérito para apurar a responsabilidade pela violência praticada contra o menor C.H.N.” (A Verdade, 18/01/1957, p. 1).

Essa última denúncia não obteve qualquer repercussão nos jornais da cidade, tão pouco foi objeto de abordagens posteriores do “A Verdade”.

DESFECHOS

Aos “*Irmãos Maristas*”, publicamente, foi reconhecido a condição de “*educadores magníficos*” (O Estado, 17/11/1956, p. 08), reforçando a legitimidade das práticas levadas a termo na condução do Abrigo de Menores e dos Abridados.

Ao jornal “A Verdade”, em curtas respostas indiretas publicadas pelos outros veículos de comunicação de Florianópolis, se impôs a não continuidade da repercussão do episódio, e a fragilização da versão construída por ele.

Aos “*Abridados*” foi projetada a imagem de serem os beneficiários imediatos da ação marista, pela “*instrução, educação e profissionalização*” (O Estado, 17/11/1956, p. 08) que receberiam; o beneficiário mediato seria a sociedade, pelo “*encaminhamento ao Trabalho, à Família e à Pátria de meninos que seriam*”, não fosse essa atuação dos religiosos, “*desviados para os maus caminhos*” (O Estado, 18/11/1956, p. 1)²⁰.

Essas foram as versões construídas para o episódio e para a experiência social desenvolvida no Abrigo, impressas nos jornais analisados à exceção do “A Verdade”, obviamente!

Aos “*IRMÃOS (só se forem do diabo)*”, atribui-se imagem de serem a violentos, “*invertidos sexuais, carrascos, bandidos e desumanos*” (A Verdade, 14/11/1956).

Aos jornais “*O Estado e A Gazeta*”, propagou-se a idéia de que, em ambos, a credibilidade era ausente, pois não repercutiram as denúncias

²⁰ O Estado, ano XLIV, de 18 de novembro de 1956, n. °12.592, p.01.

publicadas pelo *A Verdade*, imediatamente e com o afã desejado por esse veículo de comunicação.

Aos “*rapazes do Abrigo*” veiculou-se, primeiro, a imagem de vítimas sendo olímpicamente defendidos; segundo, a de “*ignorantes*” (*A Verdade*, 17/11/1956, p. 01) e manipuláveis.

Essa foi a versão do jornal *A Verdade*!

Aos “*padres*” reconheceu-se o atributo de conivência com a fuga, não de promotores dela.

Ao jornal *A Verdade*, impeliu-se a situação de aflorar a condição de possibilidade para que fosse manifestado o sentimento de pertencimento e a solidariedade comum entre os Abrigados, constituidores de experiências sociais vividas de maneira compartilhada relacionadas de maneira dinâmica com o processo social. Isso porque, nos relatos dos ex-abrigados ficou explícito que, a 16 de novembro de 1956, quando os internos saíram às ruas em direção ao jornal *A Verdade*, o fizeram não para defender o “quartinho disciplinar” e outras arbitrariedades dos administradores do Abrigo de Menores, mas sim, contra a afirmação de que a comida era “comida de porco”, pois as crianças que viviam na instituição, diariamente dedicavam o seu suor e os seus esforços, na produção de víveres e no preparo da alimentação.

Aos demais jornais, não se atribuiu sentido nenhum, pois o acesso não lhes foi facultado.

Esse foi o olhar de alguns Abrigados, e que não saiu em lugar nenhum!

Essa contenda entre versões traz no seu interior processos de legitimação social, silenciamento, disputa pela memória autorizada, e um olhar sobre a infância, qual seja, o de que não foi reconhecida ou valorizada como protagonista do processo social, sendo posta na condição de objeto, mesmo quando teve participação ativa no episódio.

Perceber a dinâmica social vivida e o processo de como a imprensa se constitui em relação àquela, foi a tentativa, deste texto²¹. Também compreender como a realidade social e as tramas envolvidas nas relações produzem versões concorrentes, diferentes, contraditórias, que em alguma medida procuram forjar a memória e o presente do qual emergem. Manuel de Menezes, no seu livro de memória, menciona o episódio e procura dar posteridade à sua avaliação do ocorrido. Os Irmãos Maristas, destacando, no seu arquivo, a notícia desabonadora, que a princípio aparece como algo que mancharia a memória deles na condução do Abrigo de Menores, sem dúvida sabem que a memória construída e difundida socialmente sobre a atuação deles na instituição tinha legitimidade entre as elites, não ocasional que administraram o Abrigo de 1940 a 1972, e foram referendados pelo mais importante jornal à época da cidade, *O Estado*, ao estampar em sua capa a afirmação de que: **“Eles merecem respeito”!** (18/11/1956, p. 1). Logo, guardar caprichosamente a denúncia, pretendia, subliminarmente dizer: vejam que a que absurdo fomos submetidos!

Na construção da memória desse “levante” dos meninos do Abrigo, além do *A Verdade*, os demais jornais analisados constituíram uma memória positiva da atuação dos religiosos à frente do Abrigo, silenciando a eventuais abusos – como o “quartinho disciplinar” e a violência contra as crianças – e sobre o protagonismo dos Abridados. Os ex-Abridados “guardam” nas suas memórias e na transmissão oral o episódio vivido, que por vezes ganha o tom de um “causo” emocionante, mas que através das entrevistas realizadas, estão “registradas”, permitindo que seja dada uma nova interpretação sobre os significados do acontecimento em si, viabilizando a identificação dos múltiplos significados sociais complexos envolvidos na situação.

Em tempo... A disputa não se dá apenas no plano econômico...

Carta à redação: Campanhas nobres e campanhas injustas Menezes, erraste poucas vezes, como no caso do Abrigo de Menores, erraste em atacar esses grandes educadores, os Irmãos Maristas, pois te digo, Néco, eu para aturar quatro filhos que tenho, quase enlouqueço, quanto mais aturar 200 guris rebeldes, pois os bons, os pais não mandam para o Abrigo, por isso os Maristas estão certos. Erraste naquele dia...Néco, aceita agora um conselho meu, use o teu jornal como sempre

²¹ Essas leituras sobre imprensa e implicações na vida cotidiana dialogam com os aportes de Cruz (2000).

para a defesa dos pobres, ataques só os que tu sabes que são ordinários. (A Verdade, 23/01/1958, p.3) ²²

EPÍLOGO!!!

Acreditem em tudo, porque A VERDADE não mente jamais! Acreditem e depois rasguem êste jornal, para não ficarem feito idiotas, na esperança de que alguém tome tome uma providência para salvar os meninos daquele inferno, que é o ABRIGO DE MENORES DE FLORIANÓPOLIS! (A Verdade, 14/11/1956)

PÓS-EPÍLOGO

Saí da Biblioteca Pública de Santa Catarina às seis da tarde, hora que encerrava o expediente, era verão, no Mercado Público, concentração popular, ensaio de escola de samba, neste dia resolvi ir até a antiga sede do *Jornal A Verdade*. Desci pela rua Álvaro de Carvalho, dobrei na Conselheiro Mafra, em cinco minutos cheguei em frente à antiga redação do jornal, onde hoje funciona uma lanchonete. Olhei, olhei, sem perceber esbocei um pequeno sorriso de canto de boca, e a história se faz presente e lembrei-me do Sr. Moises que me disse:

– Continuamos nossas vidas; tudo contando a história que tinha acontecido (Moisés, 2003).

Fontes Citadas:

A Verdade (Jornal). Edições: 12/12/1952; 30/01/1953; 18/05/1953; 07/06/1954; 31/01/1955; 06/06/1955; 09/07/1956; 15/10/1956; 25/10/1956; 14/11/1956; 16/11/1959; 17/11/1956; 19/11/1956; 28/12/1956; 18/01/1957; 28/02/1957; 23/01/1958

O Estado (Jornal). Edições: 17/11/1956; 18/11/1956;

A Gazeta (Jornal). Edição: 18/11/1956

Diário da Tarde (Jornal). Edição: 20/11/1956

ABRIGO DE MENORES DE SANTA CATARINA. Carta do Diretor do Abrigo de Menores ao Juiz de Menores de 17 de novembro de 1956.

²² Carta atribuída a um certo Zeca em que tece uma porção de comentários a respeito das matérias que criticavam “o Menezes” e a respeito da necessidade dele “Menezes” se defender utilizado os *grandes e relevantes benefícios que tens proporcionado aos pobres*, e cita alguns, na continuação da carta trata das “denúncias” feitas em relação ao Abrigo de Menores dizendo o que segue no corpo do texto principal (A Verdade, 23/01/1958, p.3)

Entrevista realizada em Florianópolis, SC, 09/04/2003, com o Sr. Moisés Francisco Vieira.

Entrevista realizada em Florianópolis, SC, 08/04/2003, com o Sr. Valmir José Mendes.

ESTADO DE SANTA CATARINA. Ata da 17ª Sessão Solene, da 3ª Sessão Legislativa da 14ª Legislatura em 24 de agosto de 2001, que homenageou o Irmão Marista Victor Barbosa Vieira.

ESTADO DE SANTA CATARINA. Decreto Estadual n. 8026 de 12/06/1969, Diário Oficial do Estado, publicado dia 17/06/1969, p.01.

MENEZES, Manoel de. Retalhos d'alma. 2ª. ed.: Edeme, 1977, p.179-82.

Referências Bibliográficas

AREND, Silvia Maria Fávero. **Histórias de abandono**. Infâncias e justiça no Brasil (década de 1930). Florianópolis: Editora Mulheres, 2011.

ARANTES, Antônio A. **Paisagens paulistanas**: transformações do espaço público. Campinas, SP: Ed. Unicamp, Imprensa Oficial, 2000.

CHARTIER, Roger. **Os desafios da escrita**. Tradução de Flúvia M. L. Moretto. São Paulo: Unesp, 2002.

CHAUÍ, Marilena. **Cultura e democracia**: o discurso competentes e outras falas. 13ª ed. São Paulo: Cortez, 2011.

CORRÊA, Carlos Humberto. **Os governadores de Santa Catarina de 1739 a 1982**: notas biográficas. Florianópolis, SC: Ed. UFSC, 1983.

CRUZ, Heloisa de Faria. **São Paulo em papel e tinta**: periodismo e vida urbana - 1890-1915. São Paulo: Educ, Fapesp, 2000.

FLORES, Maria Bernadete Ramos. **A farra do boi**: palavras, sentidos, ficções. Florianópolis: UFSC, 1997.

LEITE, Lígia Costa. **A razão dos invencíveis**: meninos de rua – o rompimento da ordem (1554-1994). Rio de Janeiro: Editora UFRJ/IPUB, 1998.

MACHADO, Aldonei. Sons e sentidos: uma cartografia da era do rádio em Florianópolis. **Esboços**, vol. 06, p. 09-16, 1998.

MAY, Patrícia Zumblick Santos. **Redes político-empresariais de Santa Catarina (1961-1970)**. Dissertação (Mestrado), Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1998.

MIRANDA, Humberto da Silva. **Nos tempos das FEBEMS**: memórias de infâncias perdidas (Pernambuco/1964–1985). Tese (Doutorado). UFPE, Recife, 2014.

PORTELLI, Alessandro. A filosofia e os fatos: narração, interpretação e significado nas memórias e nas fontes orais. **Tempo, Revista do Departamento de História da UFF**, v.01, n.2, p.59-72, 1996.

SILVA, Roberto da. **Os filhos do governo**: a formação da identidade criminosa em crianças órfãs e abandonadas. São Paulo: Ática, 1997.

SOUZA, Rogério Luiz de. Catolicismo e projeto de higienização em Santa Catarina (1945-1965). **Fronteiras**, n.06, p. 41-51, 1998.

Recebido em Setembro de 2020
Aprovado em Agosto de 2021